

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
E DA COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO

Sara Breitenbach Diniz

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA MEDIADA PELO SMARTPHONE**

Três de Maio, RS

2017

Sara Breitenbach Diniz

**APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA MEDIADA PELO SMARTPHONE**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação**.

**Aprovado em 4 de agosto de 2017:**

**Rosângela Segala de Souza, Mestre em Letras, UFSM**

**Mara Denize Mazzardo, Doutoranda em Educação, UFSM**

**Simone Regina dos Reis, Mestre em Matemática, UFSM**

Três de Maio, RS  
2017

# APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA MEDIADA PELO SMARTPHONE

## ENGLISH LEARNING THROUGH THE SMARTPHONE

Sara Breitenbach Diniz<sup>1</sup>, Rosangela Segala de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como base uma investigação em torno da influência do uso da ferramenta *smartphone* e do aplicativo *WhatsApp* no processo de construção do conhecimento da língua inglesa e envolve um grupo de estudantes, maiores de idade, do Curso Técnico em Administração do Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli, escola pública do município de Três de Maio, interior do estado do Rio Grande do Sul. Com este estudo busca-se avaliar as relações coletivas de aprendizagem e em que medida ferramentas de tecnologia são instrumentos de apoio eficazes para o aprendizado da língua inglesa. A pesquisa bibliográfica é utilizada com o objetivo de fundamentar o conhecimento teórico a respeito da área estudada. A metodologia aplicada é a pesquisa-ação com abordagem qualitativa e quantitativa, que visa compreender o comportamento dos participantes na pesquisa. Para a coleta de dados parte-se da observação direta dos participantes durante o decorrer das aulas, sendo ainda realizadas entrevistas com questões objetivas. Um experimento é realizado em sala de aula, com atividades em língua inglesa desenvolvidas durante o estudo, que são postadas no grupo de *WhatsApp*, em que estudantes e professora participam. Isto confirma a contribuição positiva da TIC no aprendizado e na interação entre os participantes e permite reconhecer recursos tecnológicos digitais como ferramentas que redimensionam o cenário pedagógico, ampliam as oportunidades educacionais e alteram os paradigmas da construção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Língua inglesa. Aprendizagem. Interação. TIC.

### ABSTRACT

*This article is based on an investigation about the influence of using smartphone and WhatsApp in the process of construction of English Language knowledge and it involves a group of students, older than eighteen years old, from Technical Course of Administration from Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli, a public school of Três de Maio, a town from Rio Grande do Sul. With this study it was aimed to evaluate collective relations of learning and in what way technology can help efficiently to the learning of English Language. The bibliographic research was used to base the theoretical knowledge about the studied area. The methodology applied is action research with qualitative and quantitative approach, that aims to understand the behavior of participants. To collect data was done the direct observation during the classes and it was made interviews with objective questions. An experiment was done in the classroom, with English Language activities developed during the study, which were posted in a WhatsApp group in which students and teacher participate. It allowed to recognize the positive contribution of Information and Communication Technology (ICT) in learning and interaction among participants and see the digital tech resources as ways to reconstruct pedagogical scenario, increase educational opportunities and modify the paradigms of knowledge construction.*

**Keywords:** English Language. Learning. Interaction. ICT.

---

1 Especialista em Educação, Especializanda em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação – (UFSM);

2 Mestre em Letras, docente orientadora – (UFSM).

## 1 INTRODUÇÃO

As tecnologias cada vez mais invadem a vida do ser humano, ampliam sua capacidade e permitem promover novas possibilidades de aprendizagem. O que era comum na educação há alguns anos está superado e, nesse dinamismo que as tecnologias impõem, é preciso reinventar a prática e adaptar-se a um espaço cada vez mais dominado por seus avanços. Nesse jogo de ensinar e aprender, constrói-se e reconstrói-se o saber constantemente, e cada um dos envolvidos no processo de aprendizagem faz parte dessa evolução. É a construção do conhecimento de forma interativa: ao invés da informação ser somente recebida, ela é reelaborada e enriquecida a partir da experiência dos colaboradores desta rede de aprendizagem. Nessa perspectiva estão a escola e seu público, numa multiplicidade de contextos que enriquecem e ao mesmo tempo apontam para a necessidade da construção de um novo projeto na educação.

Considerando a importância que tem o *smartphone* atualmente, só no Brasil chega a 168 milhões o número de usuários, surge a ideia de unir o uso desta ferramenta tecnológica a atividades produtivas e de aprendizado da Língua Inglesa (LI), que está cada vez mais presente nas diversas áreas, diminuindo a distância entre as pessoas. Quem domina esta língua estrangeira tem a possibilidade de se comunicar com falantes das mais diferentes partes do mundo. Aplicativos que permitem conexão com a *internet* facilitam o uso da língua como instrumento para as comunicações de qualquer gênero (no estudo, nas pesquisas, nos negócios, entre outros ramos). Assim, investigar o uso do aplicativo *WhatsApp* - que no Brasil conta com 120 milhões de usuários - no aparelho *smartphone* como ferramenta de apoio ao aprendizado da LI é um tema que pode conduzir, inclusive, a uma mudança de pensamentos e atitudes entre os professores desta língua, que muitas vezes deixam de aproveitar este rico recurso por receio de perder a atenção do aluno para outros atrativos que a *internet* traz.

Nesse processo de ensino, podem os envolvidos fazer uso de recursos que permitem aprimorar a atividade de ensinar e aprender de forma que a aprendizagem se torne muito mais significativa e prazerosa do que poderia ser se apenas métodos tradicionais fossem usados. Sendo assim, este artigo apresenta uma investigação que tem por objetivo determinar em que medida o uso do aplicativo *WhatsApp*

contribui na aprendizagem da LI entre estudantes do noturno, que cursam o primeiro semestre do Curso Técnico em Administração, em uma escola pública de Três de Maio, município do interior do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, busca-se proporcionar a interação dos estudantes durante a aprendizagem da LI; conscientizar sobre a função das línguas na sociedade; refletir sobre a questão da pluralidade linguística e sua importância para a formação do indivíduo; reconhecer ferramentas de tecnologia como instrumentos de apoio para o aprendizado da LI; explorar o uso destas ferramentas durante as aulas e também a distância; e viabilizar o uso da ferramenta em situações de aprendizagem interativa.

A pesquisa neste ramo é, então, um desafio que promete surpresas e resultados que vão além de simplesmente responder a um questionamento, porque está em pauta um novo paradigma no ensino das línguas estrangeiras.

## **2 AS TECNOLOGIAS NA APRENDIZAGEM DE LI**

Para Oliveira et al (2001, p. 62), “a realidade mostra cada vez mais a necessidade de a escola rever o seu projeto pedagógico, reconhecendo a presença das ferramentas tecnológicas na vida dos estudantes.” Estes têm hoje grande familiaridade com os ambientes tecnológicos, por vivenciarem um processo de conhecimento além da escola, apoiado na tecnologia, que está em múltiplas maneiras presente no seu dia a dia.

Nas palavras de Prado (apud ALMEIDA; MORAN, 2005, p. 55), “O momento requer uma nova forma de pensar e agir para lidar com a rapidez e a abrangência de informações e com o dinamismo do conhecimento”. Sendo assim, a introdução da tecnologia na educação promove a produção de saberes criativos e colaborativos. A multiplicidade de recursos em cada uma das tecnologias a que se tem acesso deve ser considerada para que o professor possa fazer uso daquela que melhor convém aos envolvidos no processo de aprendizagem.

No decurso dessa reflexão, a mesma autora traz um questionamento bastante pertinente: “Como o professor pode desenvolver uma prática pedagógica integradora contemplando os conteúdos curriculares, as competências, as habilidades e as diferentes tecnologias disponíveis nas escolas? ” (ibidem, p. 56). Sugere-se a criação de projetos em parceria professor e aluno, para transformar o ato de

aprender em um constante reconstruir, em que conceitos e estratégias são redimensionados. Na busca pela articulação das áreas de conhecimento e da tecnologia, o professor precisa de uma nova postura, comprometimento e anseio por também aprender, com foco no desenvolvimento humano.

Resgatando Cortella (2014, p. 30),

Projetos pedagógicos coletivos, por exemplo, são uma forma de apoio à amorosidade; outra maneira de apoio é o fortalecimento da gestão democrática e da ação política consistente. Fico animado especialmente com a possibilidade do uso da informática em todas as escolas, não porque resolva os nossos problemas, mas porque é uma ferramenta poderosa para deixar nossa amorosidade mais competente.

Acredita-se que é muito mais do que fazer projetos coletivos para o emprego e uso da tecnologia em sala de aula: esse processo todo é também formar vínculos e raízes com o estudante, permitindo brotar uma nova relação entre os pertencentes ao grupo, criando novas possibilidades de construção do conhecimento. Por isso um projeto pedagógico coletivo, utilizando a tecnologia na sala de aula, não é somente a aplicação de mais uma ferramenta nas atividades educacionais.

Segundo Valente (apud ALMEIDA; MORAN, 2005, p. 23), cada tecnologia possui especificidades com relação às práticas pedagógicas: “O educador deve conhecer o que cada uma dessas facilidades tecnológicas tem a oferecer e como podem ser exploradas em diferentes situações educacionais”. Buscando alcançar o máximo proveito possível das tecnologias, antes de tudo é preciso descartar o comportamento contrário ao seu uso na educação. Nessa dimensão, a escola precisa se abrir para um modelo de aprendizagem em equipe: “interação de pessoas aprendendo a mobilizar suas energias e ações para alcançar objetivos comuns e produzir uma inteligência e habilidade maior do que os talentos individuais” (SENGE, 2000, p. 17). A aprendizagem abandona seu lado individual e passa a ter caráter de interação e interatividade, conhecimentos se cruzam, não há limites entre escola, trabalho e vida.

Trabalhando a partir do uso da tecnologia em sala de aula é possível redimensionar a produção do conhecimento e permitir que a relação entre professor e alunos e entre os colegas da turma se dê de forma diferenciada; isto é, surge uma nova relação de parceria, em que cada elemento deste elo se sente pertencente ao grupo e responsável por seu crescimento.

As tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de professor e alunos na mesma sala de aula. A possibilidade de interação entre professor, alunos, objetos e informações que estejam envolvidos no processo de ensino redefine toda a dinâmica da aula e cria novos vínculos entre os participantes. Paradoxalmente, o uso adequado das tecnologias e atividades de ensino a distância pode criar laços e aproximações bem mais firmes do que as interações que ocorrem no breve espaço da aula presencial (KENSKI, 2009, p. 88).

Nesse espaço enriquecido pelos vínculos estabelecidos, tarefas diferenciadas e interessantes podem ser feitas por meio do uso do aplicativo *WhatsApp* entre os alunos da turma e seu professor. O simples aparelho *smartphone*, com conexão *wireless*, pode ser essa ferramenta que tornará a aprendizagem muito mais dinâmica e estimulante, mediada pela tecnologia. Segundo Oliveira et al (2001, p. 57), “programas com o telefone celular e a *internet* cumprem essa missão de ser mediadores entre homem e tecnologia, transformando a forma de raciocínio e de produção intelectual.” Essa realidade torna impossível afastar a escola dessa possibilidade de construção do conhecimento.

Como aponta Pais (2008, p. 147), um só usuário pode disponibilizar suas mensagens para vários outros usuários, estabelecendo uma cadeia de comunicação voltada para a obtenção de novas informações e, conseqüentemente, para a constituição de novos conhecimentos. Ensinar e aprender LI nesse contexto significa desenvolver habilidades que encorajem professores e alunos a interagir de forma criativa e desafiadora, pois une uma ferramenta que é cada vez mais usada na conexão com o mundo através da internet. O *smartphone* para o estudante, como ferramenta usada nas aulas para atividades de aprendizado, estabelece interação e interatividade em LI, pois a produção do conhecimento passa de individual à coletiva. Segundo Braga (2012, p. 9),

(...) o sistema de aprendizagem de línguas depende de um grande número de elementos e agentes, como professor, aluno, artefatos culturais, fatores sócio afetivos, cognitivos, etc., que interagem entre si e com outros sistemas, como é o caso da própria sala de aula (...). Não existe um único tipo de aprendiz, uma única maneira ou estilo de aprender, um único ambiente onde a aprendizagem de LI pode ser desenvolvida.

As turmas de estudantes e mesmo os estudantes de uma única turma apresentam diferentes necessidades e preferências. O exercício das habilidades

deve partir sempre do conhecimento prévio, a fim de que a aprendizagem possa ser significativa e duradoura. Isso significa dizer que as aulas precisam ser interessantes e motivadoras, adequadas ao nível de conhecimento e interesse do estudante, para que este mantenha o foco no aprendizado, reconhecendo a importância e os objetivos do que se propõe.

Novamente resgatando Braga (ibidem, p. 17),

(...) a integração das tecnologias digitais no espaço escolar, em especial no caso do Inglês como língua estrangeira, abre portas para fora da sala de aula e oferece insumo e imersão natural da língua, criando oportunidades individuais e coletivas de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, fala e compreensão oral.

Nesse contexto, o professor surge como figura instigador do aprendizado de LI. Paraphrasing Hadfield e Hadfield (2010), o professor é o guia (que em vez de explicar e dar informações, extrai dos alunos as informações); é o monitor (que ouve os alunos quando estes conversam entre si); é aquele que oferece suporte (elementos linguísticos); é aquele que oferece *feedback* (reflete sobre o desempenho dos alunos, incentivando-os a identificar e corrigir as formas inadequadas de emprego da língua); é aquele que aconselha (para melhorar o aprendizado e o desempenho). Assim, oferecer variedade de atividades e oportunidades para a aprendizagem coletiva e ao mesmo tempo autônoma exige trabalho de planejamento do professor. Segundo Menezes (2012, p. 37), “autonomia pode ser entendida como o controle que cada um exerce sobre sua aprendizagem ou como a capacidade de aprender a aprender e de escolher as próprias estratégias de aprendizagem”. O ensino da LI tem anos de pesquisa e não há um método ou um padrão a ser seguido, contudo, o princípio geral é a comunicação. Muitos são os estudos em torno dessa ciência, mas a maior parte deles, conforme Santos (2012, p. 30),

(...) indicam que aprendizes bem-sucedidos conhecem os potenciais benéficos associados ao uso de certas estratégias e que consideram sua aplicação de forma contextualizada. Em outras palavras, esses aprendizes não usam uma estratégia num vácuo, mas optam pela sua aplicação com base em condições contextuais de uso da língua e em suas experiências e preferências.

Menezes (2012, p. 30) afirma que a língua é vista “não mais como um conjunto de estruturas, mas como um conjunto de funções comunicativas e como



um instrumento de ação.” A linguagem, assim, é fruto da interação com outras pessoas e possibilita práticas sociais mediadas por ela. Portanto, tarefas significativas que envolvem a comunicação real promovem a aprendizagem e o aprendiz de LI aprende pela associação, pela formação de hábitos automáticos, pelo uso da língua e pela interação. No entanto, ainda resgatando o autor citado (ibidem, p. 49), “para interagir socialmente, o aprendiz precisa ser um comunicador autônomo, ou seja, ele deve ser capaz de usar a língua de forma criativa e utilizar estratégias de comunicação para agir com a língua inglesa”, e a comunicação mediada pelo uso de recursos tecnológicos promove a interação entre falantes ou aprendizes, em tempo real, no mundo inteiro.

A LI é muito usada como meio de comunicação entre falantes não nativos e nos contextos mais diversos: “quem quer ser lido no mundo inteiro publica em inglês na rede mundial de computadores, pois essa é a língua da internet” (ibidem, p. 161). Hoje é possível afirmar que a LI é o principal exemplo de um idioma global, usada para transmitir informações em diferentes áreas e, definitivamente, importante para o futuro do estudante. Ensinar LI para o estudante brasileiro, falante não nativo dessa língua, pode revelar algumas dificuldades no momento do aprendizado, próprias daquele aprendiz que está estudando uma segunda língua. Conforme Holden (2009, p. 12), o aprendiz “(...) não tem uma compreensão instintiva da linguagem. (...) pode não saber como o inglês é empregado em alguns contextos. (...) pode não conhecer alguns dos contextos culturais para textos autênticos.” Assim, pode o professor usar em seu benefício ferramentas de apoio que envolvam o estudante e o convidem a se esforçar no processo de aprendizagem, percebendo que “faz parte desse mundo onde o inglês é usado, mesmo que imperfeitamente, na vida real, assim como faz parte do outro mundo, o da sala de aula, o que lhe dá uma nova importância” (ibidem, p. 14).

Sandra Mara Tiveron Juliano, mestranda em educação pela universidade de Uberaba, faz um estudo de caso envolvendo um laboratório de línguas em que o laboratório configura-se como o lugar onde se faz estudo experimental com objetivos de simulação prática de situações cotidianas de uso da LI, colocando o aprendiz em contato com os seus usos, costumes, linguagem formal e coloquial, aspectos culturais da língua-alvo. Neste experimento, o aluno pode fazer uma autoanálise de seu desempenho, e o professor aparece como mediador das práticas.

O aprendizado da LI, além de razões práticas e econômicas, apresenta sua função social intrínseca, pois possibilita ao estudante entrar em contato com sociedades e culturas diferentes da sua, estimulando-o a pensar em sua própria cultura, bem como reconhecer a diversidade de modos de pensar e agir em outras culturas. Isto significa dizer, novamente resgatando as palavras de Holden (ibidem, p. 15), que “aprender um idioma estrangeiro abre horizontes, o que certamente é um dos objetivos importantes da educação em todos os países”. Maria de Andrade, em seu trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade da Paraíba, aborda a prática do uso de home pages e blogs como recursos de ensino da LI.

Há poucos anos a sala de aula era o local adequado para aprender a LI, isto é, era o espaço onde se ensinavam regras gramaticais, vocabulário, leitura e compreensão de textos, escrita, talvez ainda se escutavam textos e canções gravados. Muitos aprendizes desse período acabaram por concluir que era impossível aprender LI e comunicar-se por meio dela. Por vezes faltava-lhes sentido para aprender, pois não percebiam aplicação desse aprendizado no mundo real. Atualmente, a LI está tão disponível na rede mundial de computadores que é até mesmo exigência em muitos casos. Assim, aliando recursos da rede e possibilidades de aprendizado *on-line* ao acesso real à LI, o aprendizado dessa língua passou a ter caráter mais dinâmico e de maior importância ao estudante. Significa dizer que a aprendizagem de LI perpassa as paredes da sala de aula e acompanha o aprendiz em todo o seu dia.

### **3 APRENDIZAGEM E TECNOLOGIA: UMA ABORDAGEM PRÁTICA**

Trabalhando sob essa visão, considerar a organização de um projeto de pesquisa que envolva aprendizagem e ferramentas da tecnologia aponta para a necessidade de organização prévia e objetiva. Nesse sentido, conforme Motta Roth e Hendges (2010, p. 58), é preciso determinar a metodologia, isto é, “responder ‘como a pesquisa será desenvolvida’”, esclarecer que tipo de pesquisa será realizada, em que contexto, e quais os procedimentos e instrumentos serão empregados. Para o estudo desenvolvido foi realizada pesquisa do tipo pesquisa-ação com abordagem qualitativa e quantitativa, que é um método de investigação científica que visa conduzir à compreensão dos comportamentos de um grupo

analisado, considerando suas particularidades e experiências, dando aos envolvidos maior liberdade para opinar sobre os assuntos relacionados aquilo que se quer estudar.

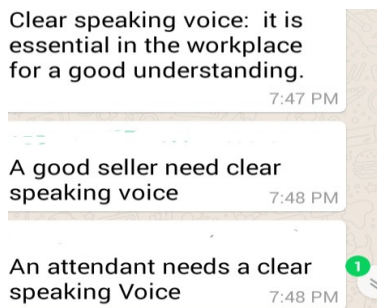
Motta-Roth e Hendges (2015) consideram na pesquisa de campo os fatos humanos ou sociais, apontando para as variáveis que afetam estes fatos, a fim de confirmar ou rejeitar uma hipótese levantada. Para a coleta de dados, foram realizados questionários com questões objetivas para um grupo de dezesseis alunos do primeiro semestre do Curso Técnico em Administração, turno noturno, do Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli, escola pública do município de Três de Maio, interior do estado do Rio Grande do Sul, a fim de fazer um levantamento sobre o uso do aparelho *smartphone* com fins educativos. A escolha deste grupo de alunos para esta pesquisa deu-se devido à sua faixa etária (são todos estudantes com idade superior aos dezoito anos), bem como pelo fato de serem usuários de aparelho *smartphone* com aplicativo *WhatsApp*. Ainda considerou-se que, normalmente, as pesquisas qualitativas são feitas com um número pequeno de entrevistados, como é o caso do grupo em questão.

A partir da observação direta do comportamento do grupo durante as aulas de LI e das atividades propostas para melhorar o aprendizado de LI, com vocabulário e construção linguística, foi feita a análise quantitativa e qualitativa. Os dados também foram coletados a partir dos questionários e da observação foram analisados. A pesquisa-ação envolveu os alunos e estes puderam participar desta análise, a partir de sua própria experiência no trabalho proposto, com intenções de esclarecer o quanto o aparelho *smartphone* pode ser usado de forma útil na sala de aula, nas questões que envolvem vocabulário, compreensão, expressão escrita. A fim de interpretar o que foi observado, considerou-se a fundamentação teórica proveniente das leituras de obras selecionadas previamente, relacionadas à tecnologia e educação e à prática de ensinar e aprender, bem como ao ensino e aprendizagem da LI.

Os temas trabalhados com a turma foram relacionados ao mercado de trabalho e ao trato com o cliente. Foram realizadas atividades durante as aulas e, entre as diversas atividades realizadas utilizando o aplicativo, várias consideraram emprego de vocabulário, como mostram as figuras 1 e 2, em que os estudantes foram desafiados a descobrir a palavra certa de acordo com a sua definição, no caso

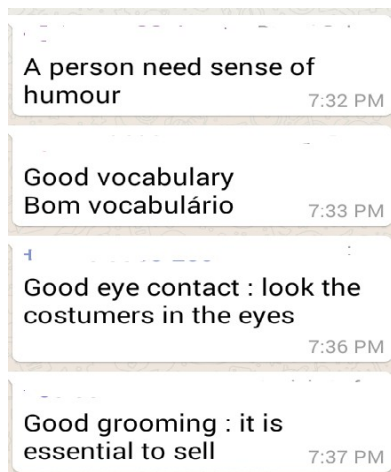
atributos ao bom atendente de um estabelecimento comercial. Cada estudante apontava as definições de seu modo, com redação em LI.

Figura 1 – Emprego de Vocabulário



Fonte: Autora (2017).

Figura 2 – Emprego de Vocabulário

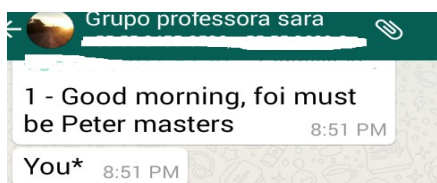


Fonte: Autora (2017).

Todas as atividades foram compartilhadas por meio do aplicativo, e tiveram o constante acompanhamento da professora, incentivando os estudantes a buscarem a resposta adequada a cada situação, com expressões de incentivo, como “*right*” ou “*OK*”, e “*try again*”, em caso de haver necessidade de revisão. Pode-se perceber que não houve problemas entre os estudantes caso algum deles redigisse as palavras e expressões apresentando desvios da norma padrão. Não existiu “cobrança” ou situações em que ocorressem ironias pelo fato de algum estudante desviar-se da norma. Isso é um aspecto muito positivo, pois os encorajou a participar das atividades, a fim de enriquecer a aula e seu próprio aprendizado e não os limitava a esperar que os colegas postassem respostas.

Como mostram as figuras 3 e 4, foram exercitadas expressões comuns no trato com o cliente, em atendimento *face to face* (pessoalmente), em situações simuladas, como no momento de recepcionar o cliente no estabelecimento comercial, oferecendo ajuda e demonstrando disponibilidade, sempre em LI.

Figura 3 – Emprego de Expressões



Fonte: Autora (2017).

Figura 4 – Emprego de Expressões



Fonte: Autora (2017).

Houve, ainda, simulações de atendimento ao cliente que diferiam das anteriores, porque nestas não haveria o encontro físico das partes envolvidas, somente via telefone ou e-mail. Estas situações também envolveram expressões em LI que foram trabalhadas durante as aulas e compartilhadas pelos estudantes, como demonstra a figura 5.

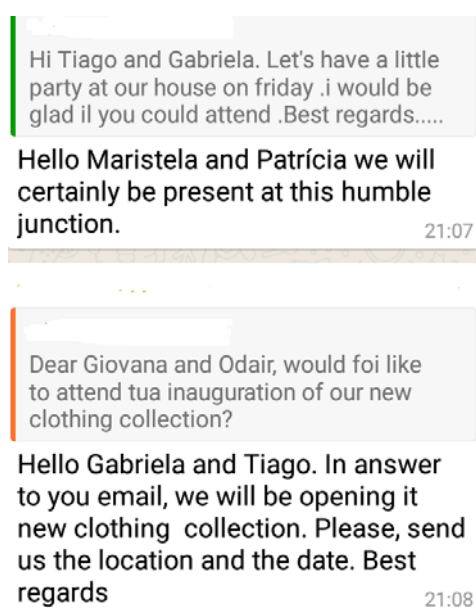
Figura 5 – Emprego de Expressões



Fonte: Autora (2017).

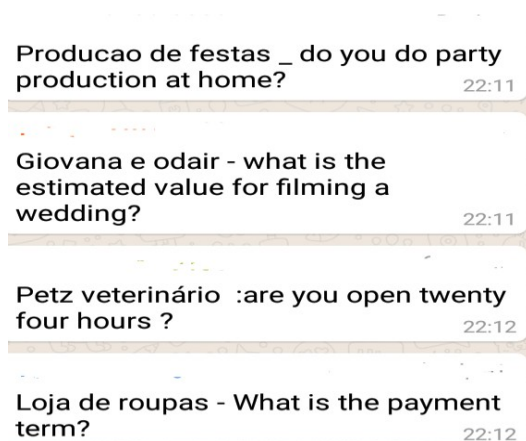
Outra atividade realizada foi a de simular a atuação em diversas áreas do mercado de trabalho, em que a turma estava organizada em duplas e cada uma delas “trabalhava” em um determinado estabelecimento comercial, escolhido a seu critério. Dava-se, então, a atividade envolvendo FAQ (*Frequently Asked Questions*), em que outra dupla fazia questões que poderiam ser feitas por algum cliente ou consumidor. Essas questões eram compartilhadas no grupo, sendo indicado o estabelecimento que deveria responder ao que fosse solicitado, novamente empregando expressões em LI, como demonstram as figuras 6 e 7.

Figura 6 – Emprego de FAQ



Fonte: Autora (2017).

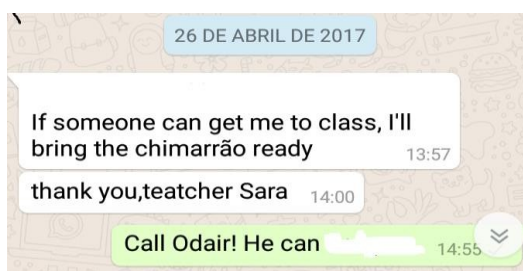
Figura 7 – Emprego de FAQ



Fonte: Autora (2017).

O grupo, ainda, utilizou-se do canal para postagens fora da sala de aula e para fazer combinações, como mostra a figura 8, em que um dos estudantes solicitou auxílio para se deslocar até a escola. A interação que surgiu com essas atividades tirou o aluno do papel de mero espectador para posicioná-lo como produtor de ações que conduziram a outras ações. O aprendizado e uso da língua tornou-se dinâmico e imprevisível, podendo desafiar os envolvidos no processo e promover a fusão entre interatividade, característica da máquina, e da interação, característica humana.

Figura 8 – Interação

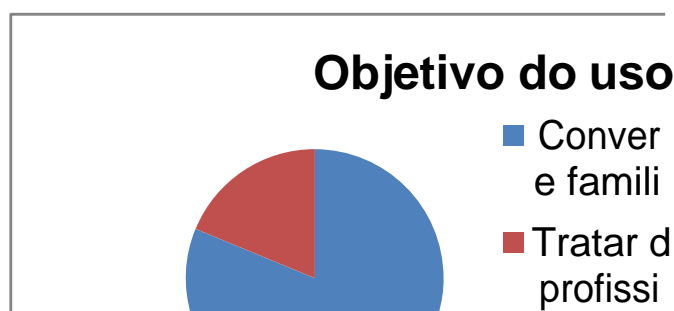


Fonte: Autora (2017).

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS OU RESULTADOS

Com as atividades propostas, procurou-se analisar o que se realizava a fim de conhecer a experiência do estudante quanto ao uso do *WhatsApp* e suas expectativas. Ao serem questionados sobre o uso do aplicativo anteriormente, constata-se que 82% dos estudantes usavam para se comunicar com os amigos e família e 18% para se comunicar com colegas de trabalho. Até então nenhum deles afirmou usar a ferramenta para veículo de aprendizagem, como demonstra a figura 9, contudo todos apontaram usá-la diariamente.

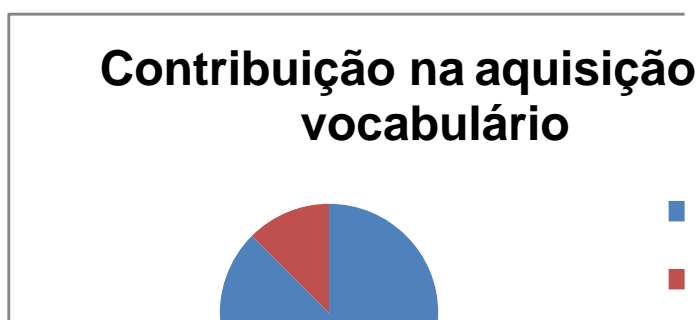
Figura 9 – Objetivo do uso do *WhatsApp*



Fonte: Autora (2017).

As figuras de 10 a 13 se referem ao uso do *WhatsApp* a partir das experiências feitas em sala de aula, nas aulas de LI. Estas indicam os resultados de questões nas quais são considerados os aspectos de desenvolvimento de habilidades de aprendizagem em LI e apontam para uma mudança de comportamento. Quando questionados sobre a experiência de usá-lo para atividades de aprendizagem de vocabulário, quatorze estudantes entrevistados concordaram que há ampla contribuição e dois afirmaram haver contribuição parcial.

Figura 10 – Contribuição na aquisição de vocabulário em LI



Fonte: Autora (2017).

Quanto à compreensão das atividades que envolvem expressões, nos quesitos de uso dessas, o aplicativo também contribuiu expressivamente na opinião dos participantes, como demonstra a figura 11. Oito participantes concordaram que houve ampla contribuição, cinco afirmaram haver parcial, e três consideraram pequena. Isso demonstra a melhora na noção de emprego destas expressões.

Figura 11 – Contribuição no uso e aplicação de expressões em LI



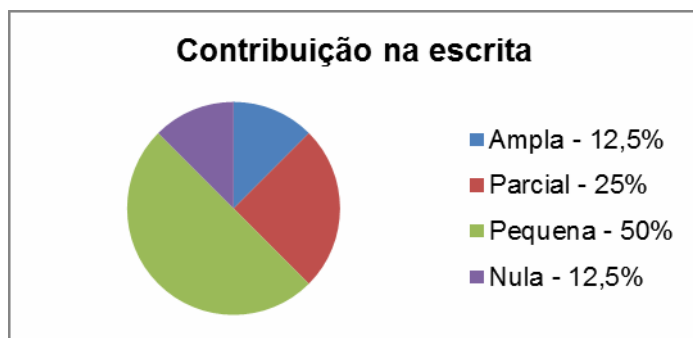
Fonte: Autora (2017).

Em relação à escrita, apesar de os estudantes precisarem formular frases e pesquisarem na *internet* para redigi-las, o aplicativo foi considerado positivo por pequena parte dos estudantes, conforme indica a figura 12. Este foi o quesito em



que o aplicativo apresentou menor contribuição na opinião dos envolvidos - dois alunos avaliaram como ampla a contribuição, quatro afirmaram ser parcial, oito a julgaram pequena -, havendo caso de dois participantes que a consideraram nula.

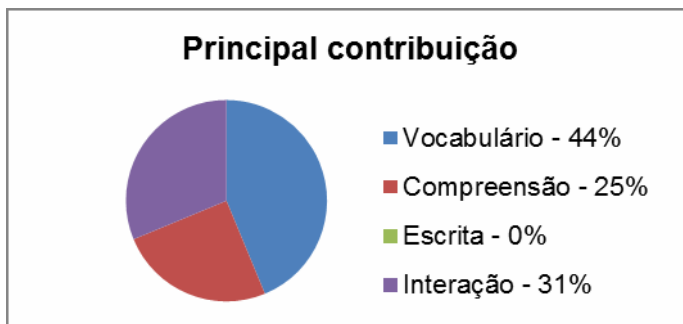
Figura 12 – Contribuição na produção escrita em LI



Fonte: Autora (2017).

Considerando o uso do *WhatsApp* como ferramenta de aprendizagem, pode-se apontar para uma nova interpretação do estudante quanto às possibilidades desta ferramenta. Quando questionados sobre a principal contribuição do *WhatsApp* (figura 13) a partir das atividades feitas em sala de aula, os dados coletados das respostas dos estudantes explicitaram que o principal apoio estava no aumento do vocabulário - com sete estudantes apontando este quesito -, seguido da interação com os colegas – com cinco estudantes -, e da compreensão do uso e aplicação da LI – como opção para quatro participantes. Como é possível perceber, nenhum deles apontou a questão da escrita, demonstrando que este aspecto do desenvolvimento da aprendizagem da LI não foi atingido, na visão dos participantes. Contudo, cabe aqui salientar que, além das contribuições a nível de aprendizagem, também foi listada a questão da interação com os colegas, apontada por cinco participantes, pois isso se mostra crescente com o passar das aulas. A mudança de comportamento dos estudantes, se consideradas suas observações anteriores à pesquisa, em que não indicavam o uso do *smartphone* como ferramenta de aprendizagem, possibilita a adoção de outras estratégias de aprendizagem nas aulas de LI.

Figura 13 – Principal Contribuição do uso do *WhatsApp*



Fonte: Autora (2017).

Uma mudança positiva nas práticas pedagógicas posiciona o professor não mais como transmissor de conhecimento, mas sim como orientador. Nesse contexto, o uso das ferramentas de tecnologia da informação e comunicação (TIC) é a marca de uma evolução que aponta para a necessidade da construção de um novo projeto na educação e simples aplicativos, como o *WhatsApp*, permitem a interação dos estudantes nas situações de aprendizagem, envolvendo uma gama de conhecimentos que, caso fosse aplicado somente o método tradicional - sem o uso das TIC - poderia afastá-los e dificultar o aprendizado.

## 5 CONCLUSÃO

É preciso ter presente que a evolução não está restrita ao uso de um determinado equipamento: trata-se de mudança de comportamentos, fruto da atividade social; são as relações que passam a ser transformadas, e não apenas no comportamento individual, mas no coletivo, de todo um grupo. Nessa perspectiva, é essencial que o professor compreenda a tecnologia e seus reflexos no processo pedagógico para redefinir sua prática, considerando aquela não como mero instrumento a ser utilizado em uma determinada disciplina, mas como elemento de construção da cidadania. O professor, que trabalha a autonomia do estudante na construção do conhecimento, neste caso em LI, automaticamente está colaborando para a formação de um indivíduo agente e autor de seu próprio aprendizado, que aproveita todas as oportunidades para a aquisição da segunda língua, a partir do mundo ao seu redor e não somente do espaço da sala de aula.

A prática do uso de ferramentas das TIC após o período da aula presencial faz com que o estudante permaneça em contato com o professor e com os colegas e possa dar continuidade ao aprendizado, interagindo com os demais de forma

dinâmica. Os participantes passam a ser ativos e colaborativos na construção do conhecimento; assim estabelece-se um novo modelo de ambiente de aprendizagem, que acaba por se refletir além da sala de aula e parte-se para a riqueza da coletividade na relação com a tecnologia. O uso do *smartphone*, tão próprio do dia a dia do estudante, possibilita o constante contato entre o grupo e, usado de forma didática, é sim ferramenta muito útil para construção do conhecimento.

Num momento em que a velocidade das informações é cada vez maior, recursos de conectividade transformam as relações e têm muito a enriquecer no processo de aprendizagem. Em todos os ramos da tecnologia, a informática desempenha papel fundamental, e muitas situações do cotidiano do estudante envolvem a LI. Assim, propor uma nova dinâmica neste processo possibilita a intervenção consciente do professor na elaboração do conhecimento, integrando o uso das tecnologias e da LI e promovendo a interação de todos os que participam da construção de uma nova visão na forma de ensinar e aprender.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria. **Ensino de LI e as novas tecnologias**. Disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6330/1/PDF%20-%20Maria%20de%20Andrade.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2017.

BRAGA, Junia (org.). **Integrando tecnologias no ensino de inglês nos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: SM, 2012.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Pensatas pedagógicas - Nós e a escola: agonias e alegrias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GLENDINNING, Eric H. **Commerce, Oxford English for Careers**. New York: Oxford, 2011.

HADFIELD, Jill; HADFIELD, Charles. **Manual Oxford de Introdução ao Ensino da Língua Inglesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

HARASIM, Linda. **Redes de aprendizagem**. São Paulo: Senac Editora, 2005.  
HOLDEN, Susan. **O Ensino da Língua Inglesa nos dias atuais**. São Paulo: SBS, 2009.

JULIANO, Sandra Mara Tiveron. **O computador no ensino de LI e os desafios da formação docente**. Disponível em <http://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000106248.pdf>

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia**. Campinas: Papirus, 2009. 5ed.  
LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**. São Paulo: Parábola, 2009.

MENEZES, Vera. **Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio: teoria e prática**. São Paulo: SM, 2012.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Celina Couto de; COSTA, José W. da; MOREIRA, Mercia. **Ambientes informatizados de aprendizagem**. São Paulo: Papirus, 2001.

PAIS, Luis Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da Informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRADO, Maria E. B. B. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MORAN, José M. (Org.) **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 54-59.

SANTOS, Denise. **Ensino de Língua Inglesa: foco em estratégias**. Barueri, SP: Disal, 2012.

SENGE, Peter. **Escolas que aprendem**. São Paulo 2000: Artmed Editora, 2000.

VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MORAN, José M. (Org.) **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 22-30.